

O Negro Baiano Pai Joãozinho da Goméia: o candomblé de Duque de Caxias na mídia dos anos cinquenta

Joselina da Silva – Universidade Federal do Ceará

RESUMO: João Alves Torres Filho (Joãozinho da Goméia, Pai João, *Táta Londirá, Seu João da Pedra Preta*) tem constituído parte importante de diferentes estudos sobre a cultura e as religiões afro-brasileiras. Nascido em 1914, na Bahia, chega à Capital Federal em 1946. Estabeleceu-se na cidade de Duque de Caxias, região metropolitana da capital. Este texto se propõe a analisar a seção intitulada “*Ao cair dos Búzios*”, publicada diariamente no Jornal Diário Trabalhista, entre 1949 e 1951. Ali, eram respondidas, por ele, as cartas dos consulentes. O famoso baiano ajudou a remover aquelas manifestações de religiosidade da periferia social para a vida cultural da cidade. Contribuiu também com a difusão e solidificação das religiões de matriz africana. Esta é uma investigação em andamento, no âmbito do N^oBLAC (Núcleo Brasileiro Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais) da Universidade Federal do Ceará, campos Cariri.

Palavras chave: Candomblé, religiões afro-brasileiras, negros, relações raciais

ABSTRACT: Torres João Alves Filho (Joãozinho da Goméia, Pai João, *Táta Londirá, Seu João da Pedra Preta*) has been referential in different studies on african-Brazilian culture and religion. Born in 1914 in Bahia, arrived at Federal Capital in 1946. He established himself in the city of Duque de Caxias in the metropolitan area of the capital. This paper aims to analyze the section titled “*Ao cair dos Búzios*”, daily published in the Jornal Diário Trabalhista, between 1949 and 1951. There were answered by him, the letters of the consultants. The famous baiano helped remove those expressions of religiosity from the social periphery to the cultural life of the city. Also contributed to spreading and solidification of the religions of African origin. This is an

ongoing investigation under the N'BLAC (Brazilian Center of the American and Caribbean Studies in Race Relations, Gender and Social Movements), from Federal University of Ceará.

Key – words: Candomblé, afro–brazilian religions, blacks, racial relations

No topo da ladeira, onde havia ar fresco um jovem e bonito mulato enxugava constantemente o suor do rosto de oito mulheres em traje de sacerdotisa, cada qual com um jarro dourado ou prateado na cabeça e uma vassoura nova na mão ... Observei com interesse o jovem pai. Era conhecido pelos seus casos de amor com outros homens e pela sua incapacidade de manter disciplina entre as filhas do seu templo de caboclo. Tinha fama de ser dançarino maravilhoso e eu podia imaginá-lo, pela sua figura leve e graciosa. O rosto era bonito e agradável, mas não frágil, e a sua pele de mulato claro contrastava bem com a camisa-esporte azul-marinho que usava aberta ao peito . Atendia com solicitude às filhas, todas aparentando muito mais idade do que ele. (LANDES, 2002. p.303).

Está é uma das primeiras referências na literatura acadêmica sobre Joãozinho da Goméa, já nos anos trinta. Ao mesmo tempo em que é apresentado como uma figura que emanava para si comentários críticos de um grupo mais ortodoxo das tradições de matrizes africanas, atraía olhares de aplausos à sua arte de dançarino dos ritmos desenvolvidos em função do culto aos orixás. O texto de Landes (2002) é ferino em relação aos homossexuais pertencentes ao candomblé baiano. Entre outros fatos, explicita pela primeira vez, que, ao contrário do que ocorria na sociedade patriarcal, o candomblé nagô era dominado pelas mulheres e o de caboclo pelos homossexuais. A autora relaciona a liderança masculina nos cultos à homossexualidade e à prostituição. Há, segundo ela, uma constante tensão entre mães e pais- de - santo. Landes estuda um momento em que ocorre uma ressignificação das religiões afro-brasileiras na Bahia. Há a entrada de um expressivo número de homens, como líderes de casa de religiões de matriz africanas que são assumidamente homossexuais. Muitos em busca de um

empoderamento por vezes negado na sociedade em geral. O *candomblé*, passa a ser então, uma agência de prestígio para aquele grupo.

A medida que João da Pedra Preta foi se tornando conhecido nos meios públicos da cidade de Salvador, dá-se uma ressignificação de seu papel social. De tal sorte que Jorge Amado assim se refere a ele depois de classificá-lo como possuidor do *candomblé* “*mais espetacular*”, da Bahia. O autor o define como “*um maravilhoso bailarino e digno de todos os palcos*” .

Esse caminho de São Caetano que leva á entrada difícil da *goméa* é percorrido por quanto artista, quanto escritor e quanto sábio passa por essa cidade... sou *ogã* deste *candomblé* e talvez este seja o único título que carrego comigo. Quase *ogã* também é o professor Roger Bastide da Faculdade de Filosofia de São Paulo.(AMADO, 2000, p.11)

É desta figura pública que se ocupará o presente texto. Nosso objetivo longe está de inserção nas diversas análises sobre as controvérsias a seu respeito. Sua atuação como praticante de uma das manifestações de religiosidade de matriz africana estará ausente deste artigo. Neste sentido, observaremos sua (auto) construção como figura pública, nos anos quarenta e cinquenta, através do diálogo nas páginas dos jornais, do Rio de Janeiro, notadamente nas respostas aos seus consulentes. Analisaremos a seção intitulada “*Ao cair dos Búzios*”, publicada diariamente no Jornal Diário Trabalhista, entre 1949 e 1951, onde respondia às cartas enviadas.

As religiões afro-brasileiras na Capital Federal dos anos cinquenta.

Nenhuma das liberdades civis tem sido tão impunemente desrespeitadas no Brasil, como liberdade de culto. .. qualquer beleguim da polícia se acha com direito de intervir numa cerimônia religiosa pra semear o terror entre os crentes.. Esta violência já se tornou um hábito...De segunda a sábado, as folhas diárias ...incitam a polícia a invadir esta ou aquela casa de culto, cobrindo de ridículo as cerimônias que lá se realizam...”

(Jornal Quilombo, pág.7 Liberdade de Culto, Edson Carneiro, Jornal Quilombo, Ano II Rio de Janeiro, Janeiro de 1959).

Edson Carneiro, autor do texto acima era um defensor das religiões de matriz Africanas. Além de seguidor, como jornalista influente na capital, fazia uso das páginas do Jornal publicado pelos ativistas do movimento social para defender e divulgar as violências sofridas pelos adeptos. O jornal O Quilombo - em sua edição de Dezembro de 1948 –

com uma extensa reportagem intitulada: “*Como se desenrola uma festa de Candomblé*”, assinada pelo autor. Este mesmo jornal, seguindo uma tendência do movimento negro, da época, de defesa das religiões afro-brasileiras, publica mais adiante, uma coluna contundente, atendendo ao objetivo de denunciar e defender o culto aos orixás.

Para que se possa melhor compreender a amplitude da representação de Joãozinho da Goméa na difusão e solidificação das religiões de matriz africana, propomos uma análise das relações raciais na cidade, a partir do final dos anos quarenta. Nosso olhar se debruçará - de forma breve – sobre algumas das análises realizadas por Costa Pinto (1952). Suas pesquisas podem nos ajudar a entender a ambiência das relações raciais e sua influência no campo das religiões afro-brasileiras, na antiga Capital, à época em que Joãozinho da Goméa está escrevendo sua coluna. O Distrito Federal - visto por Costa Pinto- encontra-se em pleno estado de urbanização e industrialização, estimulando para si uma larga corrente migratória, com uma população diversificada social e etnicamente. Alavancado pelo crescimento das organizações populares e a ampliação das agendas e demandas reivindicativas, um novo movimento negro se fazia insurgente. É dentro deste quadro interpretativo que o autor insere as organizações negras, dividindo-as em *tradicionais* e de *novo tipo*. (COSTA PINTO: 1952).

As *associações tradicionais* seriam aquelas de fundo religioso, ou culturais. As religiosas se dividiriam em católicas ou as de origem africana. O uso dos tambores na umbanda, segundo o autor, teria provocado a sua proibição dentro do perímetro urbano do antigo D.F. A Baixada Fluminense (região da grande capital, onde se encontra a cidade de Duque de Caxias) passou a abrigá-las, depois disso. Costa Pinto observa um crescimento, em número de participantes, notadamente com elementos das camadas economicamente superiores e não negras da sociedade. Tal fato é explicado pelo autor de duas formas: uma deve-se ao *modismo* – com extensas reportagens na imprensa - e outra à insatisfação, desses grupos, com a religião oficial. Outro ponto que a faz tornar-se um lugar de grande afluência é o fato de ter-se transformado num local onde se podia ir à procura de solução dos problemas de saúde. Era também um lugar de associativismo e lazer.

Paralelamente as discriminações à liberdade de culto sofrida pelos praticantes da religião, como denunciado no texto de Edson Carneiro na epígrafe, havia um crescimento da participação dos mais economicamente privilegiados, numa práxis religiosa, pautada numa tradicionalidade afro-brasileira, denominada pelo autor de *Macumba*. Acreditamos que foram os intensos debates promovidos nacionalmente – com maior ênfase, no eixo, Rio, São Paulo - os propiciadores de uma atmosfera onde as religiões afro-brasileiras, até ali, abertamente perseguidas pela polícia, passassem a receber, como convidados, os mesmos representantes policiais. Vejamos esta reportagem sobre uma festa no Candomblé de Joãozinho da Goméa: ... “Estava ali gente de toda espécie. Além do grupo de Copacabana. Gente rica e gente pobre... operários de fábrica, ao lado com os granfinos que vieram de longe... O delegado de Caxias, Tenente Abílio Gomes Vieira foi convidado e ele compareceu à macumba de Xangô. Vários policiais o acompanhavam e ele permaneceu lá até às 23 horas.(Diário Trabalhista, Rio de Janeiro, 12 de Sex, 1950. Ano V, Num.1291. p.08). Pelas mãos de Joãozinho da Goméa, os antigos algozes eram agora reverenciados e postos solenemente sentados ao lado dos líderes políticos, intelectuais, religiosos e membros da sociedade local. Todos participantes das efemérides em honra aos orixás.

Vendo desta forma, pode-se então perceber que a grande visibilidade atribuída ao Tatá Londirá (como também era conhecido o pai-de-santo) devia-se as suas lidas sociais e religiosas, mas não só elas. O ambiente cultural federal constituía um momento propício à midiaticização e da exaltação das religiões de Matriz Africanas. Assim, como veremos no tópico seguinte Joãozinho foi transformado num produto vendido com pompa e galhardia pelos meios de comunicação locais, notadamente num periódico de referência no DF.

A construção midiática do maior Babalaô do Brasil

Joãozinho realizou ontem, em Salvador, a festa anual de Pedra Preta, na qual o famoso “babalaô” cumpre obrigações para com o poderoso caboclo. A festa, segundo telegrama enviado a este jornal pelo “Filho de Oxosse”, constituiu em um grande espetáculo. Compareceram centenas de pessoas. Gente de todos os níveis sociais. Médicos, advogados e engenheiros misturavam-se com operários, professores ao lado de estudantes, Pretos e brancos. Enfim, como sempre acontece, João da Pedra Preta fez um grande candomblé que por certo se propagou até as primeiras horas de hoje.

(O Diário Trabalhista, Rio de Janeiro- 07 de Janeiro de 1950; Ano V. Num.1189, p.06).

João Alves Torres Filho (Tata Londirá, João da Pedra Preta, seu João) nasceu em 23 de março de 1914, na cidade de Inhambupe, na Bahia. O trato com um público diverso social e racialmente fazia parte da lide religiosa e de sua prática individual, já em Salvador, como rapidamente apontado aqui. Ele chega à Capital Federal em 1946 (Silva, 2002), e como uma pessoa de reconhecimento público. Era o João da Pedra Preta (por encarnar um Caboclo, com este nome). Estabeleceu-se no Bairro Copacabana, cidade de Duque de Caxias, região metropolitana da capital, onde várias outras casas, também estavam sendo fundadas. (LEMOS, 1980; PERALTA, 2000). Como apontado pelo jornal Quilombo:

“São João no Quilombo de Caxias”

A pequena cidade Estado do Rio, Caxias, se transforma num grande, imenso quilombo. Seu povo é todo negro. Cada fundo de casa é um “terreiro” em cada encruzilhada se topa com um despacho pra Exú. Não é sem motivo que já chamam Caxias de Roma sem igrejas... Era dia de São João...Dançamos no terreiro do famoso pai-de-santo Joãozinho da Goméia...”

(Jornal Quilombo, pág.12 . São João no Quilombo de Caxias Jornal Quilombo, Ano I. Rio de Janeiro, Julho de 1949).

Chegando ao Rio de Janeiro, em pouco tempo, a mesma prática de aproximação com a classe dominante da sociedade local, foi adotada. Sua fama o precedeu, mas, foi também solidificada através de um grande jornal da cidade. Em 1950, era conhecido e reverenciado pela mídia da Capital Federal como o maior Babalaô do Brasil.

Numa das primeiras divulgações feitas pelo Jornal Diário Trabalhista, sobre a coluna, *Ao cair dos Búzios*, os leitores eram incentivados a enviar suas cartas de consulta juntamente com um pequeno cupom publicado no periódico. Assim, acreditamos que os editores, garantiam uma maior tiragem, uma vez que levavam a pessoa a adquirir um exemplar, para retirar o cupom. Dessa maneira, a fama de Joãozinho auxiliava na expansão econômica da publicação. As cartas eram encaminhadas à redação e seriam processadas pelos jornalistas Ariosto Pinto e Batista de Paula, que as entregariam “*rigorosamente, na ordem de chegada*”, ao pai-de-santo, em Duque de Caxias. Todas

as missivas deveriam ser acompanhadas de pseudônimo e endereço do consulente. Ao serem publicadas, era mencionado somente o bairro ou a rua de residência. Reiteradas vezes eram os leitores lembrados sobre a importância do anonimato. A.L.C (Rua dos Inválidos) *Deveria ter mandado pseudônimo. Mas devo lhe dizer que não vejo nada de anormal na sua vida.* (Diário trabalhista. Ano V. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 8 de fevereiro de 1950. Num. 1216).

Em 1949, quando as primeiras cartas foram divulgadas, a coluna (como também o cupom) era ilustrada por duas mãos que juntas lançavam os búzios num movimento descendente, com o título: *“Ao cair dos búzios”*. Após alguns meses, Joãozinho, anuncia que vai viajar à Bahia, para *“cumprir obrigações espirituais”* e que no seu regresso retomaria a coluna. Para tanto, seu retorno da Bahia era noticiado, como um grande acontecimento havido na cidade:

Chegou anteontem, pelo vapor “Itaimbém, procedente de salvador onde fôra ao seu famoso terreiro da Goméa realizar obrigações da seita, o poderoso “babalaô” Joãozinho da Goméa. Ao seu desembarque, no armazém 14, do cais Porto, ocorreu uma legião de admiradores, amigos, dificultando o próprio trânsito na avenida Rodrigues Alves..... (Diário trabalhista. Ano V .Rio de Janeiro. Sábado, 28 de janeiro de 1950. Num. 1207).

Naquele primeiro momento, a seção limitara-se à resposta a um pequeno número de cartas, semanalmente. Quando do seu retorno, amplia-se o espaço e responde a dez consultas, a cada dia. Outra mudança, ocorrida na coluna na segunda fase, é que ao invés dos desenhos das mãos, foi inserida na página, uma pequena foto do rosto de Joãozinho. Novamente, grandes noticiários foram destinados pelo jornal, numa divulgação prévia do atendimento aos missivistas.

Volta seção “Ao cair do Búzios”. A partir do dia 2 de fevereiro próximo, Joãozinho da Goméa, o mais poderoso Babalaô do Brasil, passará a responder as cartas – consultas que a ele dirigirem... Conforme é do conhecimento dos nossos leitores, Joãozinho da Goméa respondeu pelas colunas desta folha, milhares de cartas que a ele enviaram pessoas não só desta capital, como de todos os estados do Brasil.... Está pois o Babalaô baiano, “Filho de Oxosse” o protegido de Yansã pronto para atenuar os males físicos e espirituais dos seguidores da seita, dos crentes e os incrédulos, pois que sua

missão é praticar o bem a todos que a ele recorrerem..1. (Diário trabalhista. Ano V .Rio de Janeiro. Sábado, 28 de janeiro de 1950. N. 1207.)

Durante o afastamento da coluna, o pai-de santo, não desaparece das páginas do matutino e se mantém em permanente contato, com os leitores, enviando longos telegramas, dando conta de suas atividades em solo baiano. A presença e o nome de Joãozinho da Goméa no periódico, foi sistematicamente reapresentada em diversas edições, mesmo estando fora da capital. Uma expectativa era construída pelos editores, diante de sua volta à cidade.

Joãozinho da Goméa foi á Bahia cumprir obrigações da seita. Deu muitas festas a que compareceram milhares e milhares de pessoas. Fez “trabalhos” de muita importância e concluiu, segundo estamos informados, serviços iniciados aqui, os quais necessitam ser concluídos na terra do senhor do Bonfim. Joãozinho da Goméa, como já tivemos ocasião de informar aos nossos leitores, está radicado nas proximidades desta capital e pretende levantar um “terreiro” brevemente. Aliás, a festa que este jornal patrocinou, em Setembro, no Carlos Gomes, teve como objetivo arrecadar meios para a construção da “casa de Yançan.

(Diário Trabalhista, Rio de Janeiro 25 de janeiro de 1950, ano V; num.1204.p. 03.)

O pai-de-santo, por sua vez, colaborava com esta estratégia, alimentando as reportagens, com informações de próprio punho. Sob o título *Joãozinho da Goméa chega hoje da Boa terra*, o jornal anunciava seu regresso ao Rio de Janeiro, dando hora e local do desembarque e nome do navio que o trazia. A notícia era completada com um telegrama enviado por João da Pedra Preta, no dia anterior. Neste processo de construção de Seu João como o maior babalaô do Brasil, percebe-se um esforço no sentido de demonstrar seriedade e responsabilidade no exercício religioso, por parte de pai de santo, como publicado no mesmo diário.

Conforme é do conhecimento de nossos leitores, Joãozinho da Goméa respondeu pelas colunas desta folha, milhares de cartas que a êle enviaram pessoas não só desta capital, como de todos os Estados do Brasil. Em virtude de seu embarque para a Bahia, o “babalorixá” deixa de responder muitas que se achavam em seu poder. Levou-as á Salvador a fim de que da capital baiana nos enviasse as respectivas respostas. O seu trabalho no terreiro de São Caetano, foi tanto, que as

1 Diário trabalhista. Ano V .Rio de Janeiro. Sábado, 28 de janeiro de 1950. N. 1207.

cartas ficaram sem respostas. Aos doentes, aos descontrolados financeiramente, Joãozinho da Goméa realizou sessões para que as forças ocultas os ajudassem. E as cartas sem resposta foram pelo “babalaô”, em cerimônia de seita, incineradas.

(Diário Trabalhista, Rio de Jan, 28 de Jan,1950. Ano V, Num.1207. p.04).

Consultas à distância: A conversa mediada pelo jornal.

A sessão do Jornal Diário Trabalhista, denominada *Ao cair dos búzios*, dava a seu signatário a oportunidade de fazer-se mais próximo de uma população oriunda dos mais variados extratos sociais, se analisarmos pelas menções dos bairros de onde proviam as consultas. Pouco sabemos sobre o perfil das pessoas que as enviavam, uma vez que o próprio Joãozinho deixava claro, que não atendia, cartas sem pseudônimo ou com dois remetentes. O consultor espiritual solicitava que novas missivas fossem escritas, e justificava informando: “*De vez em quando recebo várias consultas numa mesma carta. Duas ou mais juntas. Nem chego a jogar os búzios. Isto porque a seita não o permite. A resposta quebraria o sigilo e no candomblé nada se faz sem sigilo*”. Os leitores eram, então, ensinados a reenviar cartas, com apenas um tema a ser consultado.

Analisando as respostas dadas por Joãozinho entre 1949 a 1951, pudemos observar que diferentes temas foram desdobrados pelo autor, ao longo do período estudado. Algumas vezes a coluna era iniciada com um pequeno bilhete, fazendo lembretes ou esclarecimentos sobre como as cartas deveriam ser remetidas. Outras, era como um jeito amigo de se dirigir aos seus leitores, de forma generalizada. Nestes casos, havia uma assinatura do líder espiritual, ao final, como se fosse uma mensagem à parte.

Atendendo aos pedidos de meus amigos, reinicio hoje, a secção “Ao cair dos Búzios”. Passarei a atender, na medida do possível, a todo os que me procurarem. Por outro lado, evitaremos as grandes demoras. Porque o jornal terá espaço suficiente para eu atender às consultas, à proporção que me forem chegando as cartas. Podem me consultar. Todos serão atendidos em pouco tempo. Joãozinho da Goméa².

2 Diário Trabalhista .Ano VI .Rio de Janeiro. Domingo, 23 de setembro de 1951. N. 1707.

(Diário Trabalhista .Ano VI .Rio de Janeiro. Domingo, 23 de setembro de 1951. N. 1707).

Os textos se apresentavam, quase que poéticos, numa resposta e conseguiam ser ferinos, contra seus algozes, na carta seguinte. Usando linguagem coloquial, respondia aos seus leitores, dando ciência de alguma pergunta feita ou admoestação recebida. Assim sendo, às vezes tratava das indagações dos consulentes, outras reagia a comentários mais acirradamente críticos, como no caso do Botafoguense de Botafogo: *“Não entendo de futebol. E nem posso fazer o que você me pede. Dizem que no futebol não há lógica. E não havendo lógica de que serviria a lógica do candomblé?”*³ (Ano VI .Rio de Janeiro. Quarta -feira, 28 de setembro de 1951. N. 1709).

Observamos que Joãozinho era instado a responder sobre os mais variados assuntos. Desde questões financeiras, amorosas, familiares, trabalhistas e mesmo sobre futebol. Optamos por fazer um levantamento dos assuntos sobre os quais versaram a conversa entre Seu João e os clientes. Embora muitas das respostas fossem híbridas no conteúdo, nosso intento foi procurar perceber mais atentamente, o eco das questões de ordem espiritual, no diálogo de *Seu João*, com seus leitores ou seguidores.

Esperançosa (Bangu). Faça tudo para estudar, minha filha. Pois você possui uma rara inteligência e deve aproveitá-la. Se eu fosse rico seria capaz de financiar seus estudos. Não pare. E, mais uma vez aproveite sua rara inteligência. Estude mesmo. E mostre esta resposta aos pais adotivos. Gostaria de lhe conhecer apenas por curiosidade, pais sou grande admirador das pessoas inteligentes e de bom caráter como você. Felicidades, minha filha Esperançosa. (Diário Trabalhista. Ano V. Rio de Janeiro. Sábado, 11 de março de 1950. N. 1241).

Havia, conselhos espirituais (públicos e privados) e lições de cunho moral. Os primeiros eram aqueles em que os demais leitores tomavam conhecimento do problema do consulente e da atitude a ser tomada no campo religioso ou da vida privada. A carta era recontada pelo consultor espiritual, quase na íntegra.

Sabido de mais (Vila Isabel)- Pois sim. Você é mesmo muito sabido. Tão sabido que facilitou, facilitou e acabou nessa situação que você acha gostosa. Sua mulher lhe abandonou, sua filha de 13 anos está em situação difícil e perigosa, você não tem trabalho e crê que viver as custas de uma “escrava branca” seja programa para um homem. Você

3 Ano VI .Rio de Janeiro. Quarta -feira, 28 de setembro de 1951. N. 1709.

está tão enfeitado que nem sabe o que fazer. Aliás, seu anjo da guarda, depois de ver você sofrer tanto, resolveu indicar-lhe o caminho certo, embora tardiamente. Você precisa ir a um “terreiro”, urgentemente. Não perca tempo, meu filho, você que acredita ser “sabido de mais.

(Diário Trabalhista. Ano V. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 15 de fevereiro de 1950. N. 1222).

Naqueles aos quais denominamos de conselhos espirituais privados, o Joãozinho sugeria uma conversa com o consulente e o convidava a entrar em contato com os editores, para marcar uma visita a Duque de Caxias. Assim foi com a pessoa de pseudônimo Gariba, do Jockey Club: “*Seu caso é sobretudo espiritual. E eu somente posso cuidar desses casos pessoalmente. Passe antes na redação, das 5 às 6 horas, a fim de tomar informações para falar comigo*”.⁴ (Diário Trabalhista. Ano VI .Rio de Janeiro. Terça -feira, 25 de setembro de 1951. N. 1708). Havia ocasiões em que os aspectos do comportamento eram realçados e utilizados como lições de vida a serem apreendidas pelos interlocutores e leitores da coluna.

Mirian (Engenho de Dentro) – ..Eu lhe havia dito, há mais de 3 meses, que não se deve brincar com Exu. O “homem da rua” não é tão ruim como se pensa - e para este seu criado ele tem sido até bom. Mas, também não perdoa as pessoas que zombam de sua terrível força.....Depois de consultar os Búzios, vi que você não deseja se endireitar... O marido e os filhos você nunca verá...Dizem os búzios que seu marido está comprometido com outra que lhe respeita e trata seus filhos como se fossem próprios. ...Nada lhe direi de novo para que você volte a ser o que era...eu lhe indiquei o caminho certo e você preferiu o errado. Faça tudo que mandei. E verá Mirian como mudará sua vida.... foi você a única causadora de tudo... creia mais nas forças sobrenaturais, não tente desrespeitar Exu e seja feliz⁵.(Diário Trabalhista. Ano VI .Rio de Janeiro. Domingo, 23 de setembro de 1951. N. 1707).

Em diversas missivas, percebemos o sistema binário que classifica as coisas, como nas religiões monoteístas, o bem e o mal. Mesmo que seja dito que Exu apresenta os dois lados, ao mesmo tempo, concebe a força daquele que não perdoa. O *Babalaô* segue

4 Ano VI .Rio de Janeiro. Terça -feira, 25 de setembro de 1951. N. 1708.

5 Diário Trabalhista. Ano VI .Rio de Janeiro. Domingo, 23 de setembro de 1951. N. 1707.

atendendo às expectativas da conjuntura moral/amoral, como no caso da Doméstica Infelicitada de Copacabana.

Devido sua pouca experiência, minha filha, você não soube se conduzir como deveria, diante dos filhos de seus patrões e também diante do patrão. Aos poucos eles foram se aproveitando de você...Por acaso você pensou que eles estavam preparando um plano tenebroso contra sua honra? Não. Mas devia ter pensado....O filho mais velho, estando você em casa, sem mais ninguém, disse-lhe que a sua despedida estava por um triz e que somente ele poderia resolver o caso. E você, menina muito inexperiente...Deixou que ele fizesse o que desejasse...o irmão também entrou no negocio. O pai achou que deveria pegar o seu quinhão... A situação é grave. Você... Infelizmente, ficará marcada por todo sempre... Quanto ao casamento com um deles. Dizem os búzios ser muito difícil. Mas, vou tentar e isto não lhe custará coisa alguma. Garanto-lhe porém, uma coisa:... Sobre aqueles pecadores jogarei todo o poderio dos orixás. E também de Exu..(Outra coisa: você não será posta na rua. Já fiz alguma amarração nesse sentido)⁶ . (Diário Trabalhista. Ano VI .Rio de Janeiro. Terça -feira, 25 de setembro de 1951. N. 1708).

Apesar de sua atuação como líder espiritual ou mesmo sua vida privada fosse, muitas vezes, criticada por sua homossexualidade o jeito pouco ortodoxo de agir, os conselhos atendiam à moral vigente. O papel feminino era marcado pela situação ou *status* familiar daquele momento. Nesse caso a mulher que *deu mal passo*, perdeu o respeito dos vizinhos e da família deveria pagar por isso. Neste mister, seu João nada poderia fazer, pois era castigo de Exu. A ótica da sociedade, regulada por princípios e papéis bem definidos, fica clara na resposta à *Caidinha na Lama*, de Vila Isabel)

Ainda há alguma possibilidade. A vida não está perdida para você. Seu coração ainda possui força. E seu marido, caidinha, quer é mesmo voltar a viver com você. Aceite-o . Ele errou. Mas, é pai dos seus filhos. E que faria você sozinha neste mundo, ou por outra, com esses dois filhinhos menores?. Dentro dessas duas próximas semanas ele tornará a ser seu companheiro. Aceite-o ele é o pai de seus filhos⁷. (Diário Trabalhista. Ano VI .Rio de Janeiro. Terça -feira, 25 de setembro de 1951. N. 1708. p39).

6 Ano VI .Rio de Janeiro. Terça -feira, 25 de setembro de 1951. N. 1708.

7 Ano VI .Rio de Janeiro. Terça -feira, 25 de setembro de 1951. N. 1708. p39.

O Joãozinho da Goméa, da seção *Ao cair dos búzios* era um analista, atento e participante dos temas ligados à vida cotidiana. Contraditoriamente – a partir das análises de Costa Pinto (1952) em seu trabalho realizado na época, que fala de receitas e de curandeirismo, por parte dos guias espirituais - Joãozinho não dava instruções espirituais ou de saúde nas páginas do diário. Limitava-se a incentivar o (a) autor (a) da carta à procurar um médico e quando muito, sugerir a ingestão de um “*fortificante*”, como recomendado a *Sempre Triste*, de Vila Isabel. “*Sua vida está mais ou menos calma. Seus caminhos estão abertos. Conforme-se com a sorte. Domine o gênio em todas as ocasiões. Há alguma perturbação em sua saúde e é o caso de médico. Não há feitiçaria, em sua vida. Tome um fortificante*”⁸. (Diário Trabalhista. Ano VI .Rio de Janeiro. Domingo, 23 de setembro de 1951. N. 1707).

Embora já consagrado, como um líder da Nação Angola, Joãozinho não enfatiza através das respostas, qualquer menção ao lado espiritual do consulente.

Brotinho de Benfica (Benfica)- Peça conselhos aos seus pais. Você ainda está estudando e na sua idade, 13 anos, não deve estar consultando a gente. Deixe o “namorado” de lado e se agarre aos livros, Brotinho. Sua vida vai ser muito boa e terá um final feliz. Mas não pense que será pra já. Estude, minha filha, e quando estiver próximo da formatura pode me procurar para eu lhe ajudar no que for possível. (Diário Trabalhista. Ano V. Rio de Janeiro. Quarta-feira, 15 de fevereiro de 1950. N. 1222).

Com certa frequência explicava que iria pedir ajuda ao Caboclo Pedra-Preta e nos casos, mais intrincados, recorreria ao auxílio de Exu.

“ Rosa de Cosme Damião (Rua Maria Amália) *Cuidado no seu emprego. Há alguma pessoa querendo lhe prejudicar, porém Pedra Preta vai lhe socorrer. Não há por enquanto, feitiçaria em sua vida*”. (Diário Trabalhista. Ano V. Rio de Janeiro. Sexta-feira, 17 de fevereiro de 1950. N. 1224).

Vale notar que embora, muitas vezes, o discurso de *Seu João* - nas inúmeras entrevistas que dá aos jornais e revistas - mostre a preocupação em separar o Candomblé da

8 Ano VI .Rio de Janeiro. Domingo, 23 de setembro de 1951. N. 1707.

Umbanda, lê-se, em sua coluna, conselhos da seguinte ordem: *Reze diariamente; quando tiver tempo vá à missa*, ou ainda: *Não há feitiçaria em sua vida e seus caminhos estão abertos*.⁹ (Diário Trabalhista. Ano VI .Rio de Janeiro. Quarta -feira, 28 de setembro de 1951. N. 1709. 101). Em síntese, o candomblé de Joãozinho, enquanto uma construção sócio-cultural em constante processo de recriação e transformação ao conflitar determinadas posições da religiosidade ortodoxa de certa forma aproximou ou sintetizou as dimensões tradicional/moderno. Neste sentido explica-se como as respostas aos consulentes estariam sempre de acordo com a moral vigente.

Pensares Conclusivos

É nesta confluência entre a visibilidade das relações raciais, nos estudos acadêmicos (Silva, 2005), das denúncias nos periódicos afro-brasileiros (Nascimento, 2003; Ferrara, 1986) e da expansão da “macumba” na mídia escrita (Costa Pinto, 1952), que surge e se consolida a coluna “*Ao Cair dos búzios*”. Baseados nas conclusões de Costa Pinto, vimos, então, que Joãozinho da Goméa se beneficiou de vários fatores presentes naquela conjuntura social. Houve uma constante presença nos jornais diários e revistas semanais, que faziam despertar, o maior interesse de um grupo economicamente privilegiado, sobre as religiões de matriz africana.

Joãozinho quis fixar-se no antigo DF, certamente, porque como capital do Brasil, o Rio de Janeiro seria o local mais indicado para desenvolver seu estilo singular de líder espiritual. A cidade, possuía todo o *glamour* que este necessitava para mostrar seu potencial, não só religioso, mas também artístico. O uso da mídia firmou o poder como pai de santo e tornou-o conhecido em uma cidade que, começava a viver o esplendor desenvolvimentista, voltando a propiciar a coexistência da imensa diversidade de cultos religiosos¹⁰. O estilo do pai-de-santo, no fundo, compreendia o processo do desejo cosmopolita, produzido pelo mito do anonimato na cidade grande. Projetando-se no universo midiático, realizou seus sonhos negociando com alguns intelectuais

9 Ano VI .Rio de Janeiro. Quarta -feira, 28 de setembro de 1951. N. 1709. 101

10 João do Rio, no início desse século chamou atenção para esse fenômeno em sua obra *Religiões do Rio*.

interessados em descobrir as lógicas dessa religião tão próxima e ao mesmo tempo tão distante, do entendimento da modernidade.

Joãozinho, com uma imagem carismática se transformou num grande out door sobre si mesmo, propiciando uma maior valorização das religiões Afro-Brasileiras. Assim, os cultos saíram do esconderijo ao qual haviam sido relegados e se projetaram na mídia com a fama (rapidamente alcançada), pelo *maior Babalaô do Brasil*.

Com base nesses diversos aspectos, gerados ao longo da história do *Tata Londirá*, percebe-se diferentes dimensões edificadas pelas interfaces e contradições que acompanham sua religiosidade. Alguém que acabou por trazer o candomblé para o centro dos debates e da construção do pensamento social no país. Seja na atração de inúmeros adeptos, seja como promotor de admiração e pompa, Joãozinho da Goméa (ou Seu Joãozinho, Pai João, *Táta Londirá* ou *Seu João da Pedra Preta*, ajudou a remover sua religião da periferia social da cidade. A imagem pública de Joãozinho se construiu paralelamente, pelos espectadores, por pais-de-santo, por dirigentes políticos e culturais e por ele mesmo e, principalmente pela imprensa, como um fenômeno espetacular por seu poder de dramatização de questões que envolviam religião, sexualidade e etnia. Esses temas difundidos no imaginário da cidade de Duque de Caxias e por conseguinte, também na Capital Federal, acabaram, de uma ou outra forma, por convergir para a resistência cultural da população afro descendente. Assim, João da Pedra Preta conseguia reunir num único elo, sem contradições aparentes no seu fazer, o lúdico, o cultural, o religioso, o sagrado e o profano.

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Bahia de todos os Santos**. Record. RJ. 41 Tiragem, 2000.
- BASTIDE, Roger. **As Religiões Africanas no Brasil**. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1971.
- BASTIDE, Roger. **Estudos Afro - Brasileiros**. São Paulo. Perspectiva, 1973.
- CARNEIRO, Édson . **Candomblés da Bahia**. Rio de Janeiro: Andes, 1954.
- DANTAS, Beatriz Góes. **Vovô Nagô e Papai Branco: usos e abusos da África no**

Brasil. Rio de Janeiro: Editora Graal. 1988.

DIÁRIO TRABALHISTA. Ano V .Rio de Janeiro. Sábado, 28 de janeiro de 1950. N. 1207.

FERRARA, Mirian Nicolau. **A imprensa negra paulista (1915- 1963)**. São Paulo: PFCLCH / USP, 1986. (Antropologia).

LANDES, Rute. **A cidade das mulheres**. 2.ed.rev. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2002.

LEMOS, Silbert dos Santos. **Os donos da cidade**. Caxias. R.J: Recortes, 1980.

LODY, Raul Giovanni. **Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro**, Rio de Janeiro: Caderno de Folclore. Nova Série; 7, 1976.

NASCIMENTO, Abdias do. **O Negro Revoltado**. 2. ed., Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1982.

PERALTA, Antonio Carlos Lopes. **Um Vento de Fogo – João da Goméia: Um homem em Tempo**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado em História da Universidade Severino Sombra. Vassoura: 2000.

QUILOMBO: vida, problemas e aspirações do negro. Edição fac-similar do jornal dirigido por Abdias do Nascimento. São Paulo: Ed. 34, 2003.

SILVA, Joselina da. **Renascença, lugar de negros no plural**: construções identitárias em um clube social de negros no Rio de Janeiro. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais. Rio de Janeiro, 2000.

SILVA, Joselina. A Cidade das Mulheres de Ruth Landes. In: **Revista Democracia Viva Revista do IBASE - Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas**. Rio de Janeiro, 2003.

SILVA, Wagner Gonçalves (organizador) e Lody, Raul. Joãozinho da Goméia: o lúdico e o sagrado na exaltação do candomblé. In: **Caminhos da alma. Memória afro-brasileira**. São Paulo, Summus, 2002.